



Experiência de ensino-aprendizagem colaborativa na produção de reportagens. Revista Campus Repórter - UnB¹

Márcia MARQUES²
Dione Oliveira MOURA³
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O presente artigo descreve e contextualiza a experiência de ensino-aprendizagem colaborativa na produção de reportagens no contexto da Revista *Campus Repórter*, publicada pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília desde o ano de 2007. A base deste processo está na conjugação dos ensinamentos de Paulo Freire, no que se refere à construção do conhecimento com autonomia, com as teorias do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo impresso; revista; revista Realidade; trabalho colaborativo; Campus Repórter.

TEXTO DO TRABALHO

A revista *Campus Repórter* é uma publicação de reportagens produzida pela Faculdade de Comunicação da UnB, com ênfase na busca de profundidade e originalidade nas pautas e abordagens. A revista tornou-se possível pela sobra de recursos no processo de licitação para imprimir dez edições anuais do jornal *Campus*, que há 39 anos é produzido por alunos de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Esta sobra de recursos do laboratório, fruto de um equívoco na informação sobre o formato do jornal – Berliner virou Tablóide – foi incorporada ao orçamento anual da faculdade, e a disciplina – que tem variado de nome desde que surgiu, em 2007 – oferece aos alunos a experiência da aprendizagem colaborativa e interdisciplinar, ao reunir jovens estudantes de jornalismo, publicidade, desenho industrial e artes visuais da Universidade de Brasília.

Mais do que um bom aproveitamento de dinheiro público, que sustenta nossos produtos e experimentos laboratoriais, trabalhamos à luz do que afirma Freire, no que concerne o

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra, professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, email: professoramarcia@gmail.com.

³ Doutora, coordenadora da Linha de Pesquisa Jornalismo e Sociedade da Pós-Graduação e professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília email: moura@unb.br.



papel do educador: “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (FREIRE, 1999, p.36).

Nesse sentido, o objetivo do nosso laboratório é fazer com que os estudantes exercitem a produção, a apuração e a apresentação de grandes reportagens – dentro dos conceitos de *newsmaking*. Não há assunto proibido, o foco é sempre uma boa pauta. A revista não é dividida em editorias temáticas e transita por todas as áreas, como história, política, cultura, economia, lazer, saúde ou educação. Também não há limitação de fronteira: o sertão da Bahia ou do Piauí; o interior do Paraná ou de Minas Gerais; o mundo árabe. O que importa é o experimentar mais aprofundado do fazer jornalístico naquele considerado o gênero nobre, a grande reportagem que, como define Kotscho (1989) “é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício”. Ou como resumiu em uma troca de correspondência eletrônica uma de nossas repórteres/alunas, Flávia Maia, “inauguramos o jornalismo mochilão”.

Nas trilhas da Realidade

A revista *Realidade* (1966 a 1976) fez escola para a reportagem em revista no Brasil. Por isto, a *Campus Repórter* não poderia deixar de ter naquela publicação uma inspiração e um guia. A comparação é um desafio para uma revista laboratório como a *Campus Repórter*, mas é certo afirmar que alguns traços da *Realidade* (PANIAGO, 2008) temos buscado trilhar, nestas quatro edições já produzidas (2007 a 2009). Como desejo de realização e como vitórias iniciais, podemos elencar que temos incentivado a produção de perfis e alguma vizinhança com a literatura. Da mesma forma, temos buscado reportagens mais adensadas ao fugir da tradicional organização do texto em ‘pirâmide invertida’. Também instamos que o cidadão comum que eclodia em *Realidade* no contexto dos grandes problemas nacionais, também seja reencontrado nas páginas da nossa revista laboratório, convite feito pelo corpo editorial de docentes responsáveis pela *Campus Repórter* aos estudantes proponentes de pautas.

O dito cidadão comum surge desde a edição número 1, por meio da reportagem que conta a história de Fecundo Jesus da Silva, que há meio século mora em um carro de boi em Cural das Varas, zona rural da pequena Santana, no Oeste baiano. Retorna no número 2 com Dona Lili, personagem central na recuperação da história do Bolsa Família, a partir de Guaribas, berço do programa de distribuição de renda do governo Lula, no interior do Piauí. Na edição 3, novamente dialogamos com este cidadão



comum na pessoa do jovem negro taxista que representa Chico Rei na Congada em Ouro Preto, Minas Gerais. E, por fim, na edição 4 trazemos um personagem das residências terapêuticas que procuram recuperar-se das cicatrizes dos manicômios de Barbacena:

“Cabo, outro morador, é um tipo taciturno. Tido como mudo em seu tempo de manicômio (...). Aos poucos, passou a assinar e a conversar, ainda que só o mínimo necessário. Perguntado pelo motivo de permanecer mudo durante tanto anos, respondeu sem pestanejar: Ué, nunca me perguntaram nada!”⁴

O cidadão comum tem estado ao lado de personagens de elevado valor notícia, pelo critério substantivo de importância, como define Wolf (1976). Estão neste critério o repórter Hamilton Ribeiro, figura singular na história da *Realidade* e do jornalismo brasileiro; do teatrólogo e ator Sérgio Brito; da poeta Alice Ruiz e do jornalista Reynaldo Jardim, que revolucionou o jornalismo brasileiro, com experiências como a criação do caderno de cultura do *Jornal do Brasil* e do *Sol*, publicação eternizada pela música de Caetano Veloso *Alegria, Alegria*. A entrevista de Ribeiro, emblematicamente o primeiro entrevistado da publicação, traz como título a fórmula que ele desenvolveu para o gênero grande reportagem: $gr = (bc+bf)/(txt')^n$

“ $gr = (bc+bf)/(txt')^n$ significa que Grande Reportagem é igual a um bom começo, mais um bom final, sobre trabalho vezes talento, elevado à potência n. Essa fórmula não tem erro. É segui-la e se candidatar ao Prêmio Eso de Jornalismo”.⁵

Repetindo a tônica especial concedida por *Realidade* à fotografia e à diagramação, como parte do conjunto que compõe a reportagem, temos valorizado estes elementos na prática da *Campus Repórter*. Aqui também não podemos deixar de incluir a riqueza das artes visuais, traduzida em diversas ilustrações produzidas com exclusividade para a revista e a partir dos relatos, ou mesmo da leitura dos textos brutos, dos repórteres. Nesta quarta edição, em particular, experimentamos a participação dos diagramadores em algumas coberturas, o que trouxe maior riqueza para a composição das páginas e muitas vezes definiu rumos na escolha da palheta de cores e das fontes utilizadas na direção de arte.

Campus Repórter, uma vez laboratório de ensino-aprendizagem de produção de reportagens, foi criada exatamente durante a expansão do jornalismo eletrônico, do jornalismo de atualização permanente, próprio da convergência tecnológica. Sem a pretensão de estar na contracorrente das tendências propiciadas pela era do jornalismo

⁴ In *Campus Repórter*, edição 4, ano 3, 2009.

⁵ In *Campus Repórter*, edição 1, ano 1, 2007.



eletrônico, *Campus Repórter* procura ser um laboratório de fomento à reportagem de maior fôlego, de maior convívio com a apuração, sem o deadline incessante da divulgação diária ou quinzenal (experiências que têm espaço garantido nas disciplinas campus online (www.fac.unb.br/campusonline) cursado no quinto semestre, e Campus impresso, no sexto semestre, por alunos do Departamento de Jornalismo de nossa Faculdade).

Todo projeto pedagógico, principalmente em um laboratório, como nesta experiência da *Campus Repórter* envolve valores como os do trabalho em equipe e do papel do professor em sala de aula. Ao considerar a política da aprendizagem, Demo (2005) destaca as premissas essenciais para o sucesso da atividade acadêmica: a) aprendizagem supõe processo reconstrutivo individual e coletivo dos alunos; b) papel do professor, como “orientador maiêutico”; c) educação como processo essencialmente formativo, no qual o aluno é ponto de partida e de chegada; d) ambiente interdisciplinar, onde o “signo fundamental é intervir para mudar”⁶; e) a aprendizagem é reconstrução permanente; f) formação das habilidades humanas, não só da competitividade, como do compromisso com a cidadania; g) os meios eletrônicos são particularmente decisivos no campo da informação disponível. O autor lembra que a escola precisa oferecer ao aluno as melhores condições para a aprendizagem, a fim de que “não só se desempenhe, mas igualmente se realize como ser humano”. Ele também destaca a importância da prática, na formação de um profissional que saiba aprender sempre, e se reinventar:

“O profissional, portanto, não é aquele que apenas executa sua profissão, mas sobretudo quem *sabe pensar e refazer sua profissão*. Está incluída a especialização operativa, mas sobretudo o que chamamos de *formação básica*. Esta depende mais que tudo da propedêutica, resumida no questionamento reconstrutivo. Ao lado disso, alimenta-se também da multidisciplinaridade, que não passa da aplicação mais coerente do aprender a aprender: a especialidade isolada desaprende, não só porque reduz a realidade ao que dela imagina saber, mas igualmente porque, ao não comunicar-se, perde a noção do conhecimento como desafio e obra comum” (DEMO, 2005, p.68).

Na palestra de abertura do Encontro Nacional de Professores de Jornalismo⁷, a professora (e repórter, como fez questão de ressaltar) Cremilda Medina fez uma reflexão sobre a necessidade de diálogo na relação educador/educando para formar um jornalista que dialoga com a sociedade:

O educador traz consigo a bagagem do conhecimento adequado e o leva à sala de aula para realizar o processo de construção de conhecimento do futuro. O educando faz parte dessa construção do conhecimento do futuro. Educador e

⁶ DEMO, P. Desafio do projeto pedagógico. http://pedrodemo.blog.uol.com.br/arch2004-12-26_2005-01-01.html

⁷ XI Encontro de Professores de Jornalismo, realizado em São Paulo entre os dias 19 e 21 de abril de 2008, na Universidade Mackenzie, SP



educando são cúmplices da construção do conhecimento, que vem do passado e tem essa projeção do futuro⁸.

Segundo a professora, cujo discurso foi reproduzido em vários momentos daquele encontro, "jornalista e educador têm cumplicidade na construção do conhecimento". O professor traz o lastro, o jornalista, que trabalha cotidianamente as narrativas da contemporaneidade, traz a compreensão do presente. Um presente, para ela, onde não é mais possível seccionar o emissor, autor desse processo; os meios que ele usa para a narrativa do processo; e a recepção.

Características da publicação

Campus Repórter é uma revista noticiosa, de informação e entretenimento. As matérias são elaboradas com rigor, mostrando os inúmeros ângulos e a diversidade de opiniões sobre o tema abordado. A revista está ancorada em reportagens em profundidade, que mostram o contexto histórico, cultural e social do assunto tratado. As reportagens têm, no mínimo, quatro páginas, e são escritas por alunos dos últimos semestres de jornalismo da Faculdade de Comunicação, selecionados pelo desempenho na produção do jornal *Campus*, a disciplina de jornalismo impresso; em Planejamento Gráfico e em disciplinas de fotografia. Eles foram convidados pela capacidade e qualidade de apuração, redação e edição, além de pró-atividade, senso crítico e criatividade. A revista também traz entrevistas com personalidades sêniores de todas as áreas do conhecimento e um espaço para a criação – seja na literatura, artes visuais, fotografia.

Os trabalhos de apuração e edição são acompanhados pelos professores David Renault – que trabalhou, entre outros, na *Revista Exame* e no jornal *O Estado de S. Paulo*; Márcia Marques – ex-repórter da *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*; e Dione Moura – ex-repórter de *O Estado de S. Paulo* e da *Revista Cisco de Cinema*. A equipe de diagramação foi orientada nas três primeiras edições pela professora Célia Matsunaga e no ano de 2009, está sob orientação da professora Gabriela de Freitas, alunos da Oficina Avançada de Diagramação – das áreas de publicidade, artes visuais e desenho industrial – são responsáveis pela elaboração do projeto gráfico e editoração da revista. A equipe de fotografia da Revista tem estado sob coordenação do professor Marcelo Feijó, também da Faculdade de Comunicação da UnB. Nas duas primeiras edições, houve também a participação da professora Rosa Pecorelli, na edição das reportagens.

⁸ MEDINA, Cremilda. Anotações da palestra proferida na abertura do XI Encontro de Professores de Jornalismo, realizado em São Paulo entre os dias 19 e 21 de abril de 2008, na Universidade Mackenzie, SP.



Com periodicidade semestral, a publicação tem distribuição via mala direta para bibliotecas – preferencialmente de cursos de comunicação – para órgãos públicos que atuam nas áreas de educação e cultura, empresas privadas, organizações da sociedade civil, universidades, representações sindicais, movimentos sociais e organizações não-governamentais. Atualmente, duas edições estão disponíveis no meio eletrônico, acessíveis em issue.

Organização da revista

Na questão das técnicas jornalísticas, nosso recorte é o da teoria construtivista. Embora seja fruto de um conjunto de disciplinas com alunos em professores de diferentes áreas, a revista mantém uma estrutura organizacional semelhante a qualquer redação. Há hierarquia no processo de produção e a direção da revista é feita por um conselho editorial, formado pelos professores responsáveis pelas disciplinas, e que também atuam como editores e coordenadores de reportagem.

“Junto com Sousa, Shudson e Altheide, vemos a notícia como: a) resultado das pessoas, das intenções e interações dos autores e dos atores envolvidos no acontecimento; b) fruto das dinâmicas e dos constrangimentos sociais (extra-organizacionais) e dos meios em que foram construídas e fabricadas; c) originadas por conjuntos de idéias que moldam os processos sociais, dão referentes comuns e coesão a grupos, mesmo quando os interesses não são conscientes ou assumidos; d) produto do sistema cultural que condiciona as perspectivas e/ou a significação que se tem do mundo”⁹.

Gestão

Nossas aulas desta quarta edição começaram em março. Ainda no mês de fevereiro, no período de férias, enviamos correspondência eletrônica aos alunos com os critérios de seleção para a disciplina. Abrimos vagas para: fotorreportagem, reportagem, secretaria/intervista, marketing, diagramação, ilustração. Os alunos de jornalismo devem ter cursado o *Campus 2*, de jornalismo impresso, do sexto semestre, como pré-requisito básico, mesmo para outras funções que não a reportagem. Quem fez a revista pode se candidatar novamente. As vagas de marketing, diagramação e ilustração são abertas também a alunos de publicidade, artes plásticas e desenho industrial. O aluno deve informar em que pretende trabalhar, pode oferecer, ou não, pauta, que deverá vir estruturada nos moldes que aprendem na disciplina de Técnicas, do quarto semestre.

⁹ SOUSA, Jorge Pedro. As notícias e seus efeitos. Lisboa: Minerva-Coimbra, 2001. p. 54 in JORGE, Thaís e MARQUES, Márcia. A arte de Negociar a notícia. Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).



Nesta fase, o conselho editorial havia discutido algumas sugestões de pauta: perfil do radialista de Anápolis José da Cunha; a relação entre parques e a comunidade para a melhoria da qualidade de vida; o trabalho dos peritos criminais e a relação com as séries sobre o assunto, como CSI (*Crime Scene Investigation*); e a entrevista com Pedro Demo, ex-professor da UnB, autor de vários livros sobre educação e um dos embaixadores teóricos de nossa experiência pedagógica. Recebemos pedidos de 19 estudantes candidatos, selecionamos 13. Foram eliminados os que não atendiam os requisitos de seleção – a disciplina passou a ser bastante disputada e alunos de todos os semestres demonstram interesse em cursá-la.

Em nosso primeiro encontro, os alunos tiveram uma aula sobre a organização do grupo com indicações de nosso organograma, hierarquias e relacionamentos, além da sugestão de calendário de funcionamento.

No campo jornalístico, os agentes, os jornalistas, ocupam funções diferenciadas na estrutura da redação e que determinam o poder de decisão que possuem para, dentro do campo, definir o que será, ou não, publicado, as pautas que serão acompanhadas, os temas descartados da cobertura.
(MARQUES, 2005, p.39)

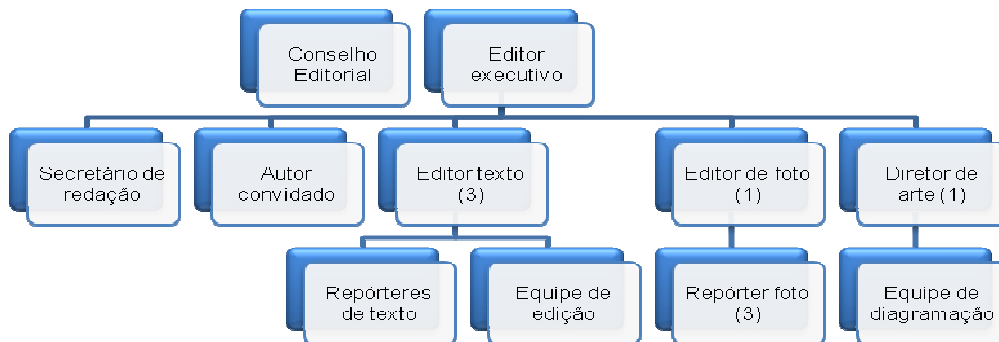
A edição número 4 teve a organização apresentada no quadro abaixo:

O quê	Quem	Atribuições
Conselho Editorial	Márcia Marques, David Renault da Silva, Dione Oliveira Moura, Marcelo Feijó, Gabriela de Freitas	Define as linhas gerais da revista
Editor executivo	Márcia Marques	Executa – e delega – o que é definido pelo conselho
Editores	Professores da disciplina e convidados (nesta edição, Solano Nascimento)	Orientam a cobertura feita pelas equipes de reportagem e também a edição de todo o material
Editor assistente	Alunos	Auxiliam o professor – pode ser também da equipe de reportagem
Repórter – texto e foto	Alunos – pré requisito campus 2	São repórteres
Diretor de arte	Professor da disciplina –	Comanda toda a operação



	Gabriela de Freitas	gráfica – da elaboração do projeto à impressão
Secretaria da redação/entrevista	Aluno – pré-requisito Campus 2	Vai documentar todo o processo e também organizar a comunicação. É responsável pela produção da entrevista
Diagramação	Aluno – se for do Jornalismo, tem pré-requisito de Campus 2 – pode ser da publicidade e do desenho industrial, com pré-requisito de planejamento gráfico ou equivalente.	Diagrama as páginas, em parceria com repórter, fotógrafo e editor – que não interferem durante o processo de criação

Estas funções podem ser desenhadas hierarquicamente no seguinte organograma:



As três primeiras semanas de trabalho da edição 4 foram destinadas às discussões de pauta. Nestes encontros foram apresentadas sugestões para acompanhar as visitas no presídio feminino em Brasília, as escolas dos assentamentos do MST no Paraná, produzir uma reportagem sobre sadomasoquismo, a viagem de trem entre Vitória (ES) e Belo Horizonte (MG), e fazer uma entrevista com a ativista dos direitos humanos de Moçambique, Graça Machel, viúva do líder daquele país, Samora Machel, e atualmente



casada com o líder negro Nelson Mandela, da África do Sul. Também ficou decidido que abriríamos espaço para a arte, e não apenas literatura, nas últimas páginas da publicação. Neste caso, convidamos a artista e professora da UnB, Sonia Paiva, que trouxe o caderno de estudos *Labirintos do Meu Coração*, um trabalho de pesquisa com filigranas de emaranhados, num jogo de elementos de pintura e cenografia. Como previsto, em nosso quarto encontro – realizado sempre às quartas-feiras, entre 10h e bem depois do meio dia – fechamos as pautas, roteiros de viagens e definimos quais professores acompanhariam a produção de quais reportagens.

Mantivemos o nome de Graça Machel como entrevistada até o mês de maio de 2009. Quando a entrevista se tornou inviável, pensamos no nome do cineasta e diretor de fotografia de cinema Valter Carvalho, que também ficou fora desta edição, pois havia entrado em processo de edição do filme *Budapeste*. Acabamos por optar pela entrevista, apenas em 1º de junho, com Reynaldo Jardim, nome que revolucionou os cadernos de cultura, e muitos outros espaços, do jornalismo brasileiro.

À medida que as pautas iam sendo discutidas, os alunos traziam informações sobre leituras e as pesquisas que realizavam para a empreitada da reportagem. Lima Barreto – que foi interno de manicômio e escreveu sobre este período da vida – e Michel Foucault alimentaram a reportagem sobre as relações entre Loucura e Barbacena (MG), além de dados sobre a luta antimanicomial; Clarice Lispector, com *A partida do Trem*, e a história da Vitória-Minas, serviram para o roteiro de viagem.

Em todos os encontros houve participação da equipe de diagramação e de fotografia, pois as informações serviriam para a composição de palheta de cores, escolha de fontes e de programação visual das páginas. Por sugestão da professora de Planejamento Gráfico, Gabriela Freitas, muitos dos alunos desta equipe acompanharam os repórteres – de texto e foto – na ida a campo, o que contribuiu muito para a concepção de arte de cada tema.

Na primeira semana de maio, fechamos as equipes de reportagem, edição e diagramação para cada uma das matérias da edição 4. Também ficou definido o prazo final para entrega dos textos, 8 de junho, e o período voltado aos ajustes, até 15 de junho, bem como a data de lançamento: 29 de junho, antes, portanto, do encerramento do semestre.

A experiência compartilhada

Ao final do semestre e pela primeira vez, aplicamos um questionário aos participantes, com o objetivo de melhorar a disciplina e a publicação. Segundo Patrícia Banuth, estudante de jornalismo da UnB que participou da edição 4 como repórter fotográfica,



“em *Campus Online* e (*Jornal Laboratório*) *Campus* o ritmo é de jornal diário, então a produção é mais rápida e sem estudo prévio. Nas disciplinas de introdução à fotografia e fotojornalismo os ensaios não precisam se adequar aos textos, como acontece em *Campus Repórter*”.

Fernanda Lobo, estudante de jornalismo que atuou como repórter na edição 4, afirmou:

“na *Campus Repórter*, todas as etapas da reportagem são discutidas a fundo, e por isso, acredito que são melhor absorvidas e conseqüentemente rendem bons resultados. Aprendi muito não só com a minha entrevista (com Reynaldo Jardim), mas com o trabalho de todos, que era sempre compartilhado com o grupo. As reuniões são produtivas, todos davam sugestões sobre todas as matérias, o que fez do grupo realmente uma equipe”¹⁰

Yvna Souza, outra estudante de jornalismo que participou da edição 4 de *Campus Repórter*, com a reportagem sobre a estrada de ferro Vitória-Minas afirma:

“Tive experiência semelhante quando fiz o jornal impresso *Campus* e tínhamos um suplemento chamado ‘parênteses’, que tinha justamente o objetivo de explorarmos um tema por meio de reportagens mais aprofundadas. No entanto, ter ou não um suplemento no (*Jornal Laboratório*) *Campus* é uma opção dos alunos de cada semestre e foi sorte minha termos optado por isso. Por isso, acho importante termos uma disciplina como a *Campus Repórter*, que nos assegura essa experiência. Além disso, a *Campus Repórter* nos dá a oportunidade de sairmos do DF e explorar assuntos diversos, que não estão na nossa realidade próxima, como foi o caso da minha reportagem.”¹¹

Os relatos acima citados são significativos no sentido de indicar os pontos fortes da experiência de aprendizagem compartilhada em torno da produção de reportagens. Embora alicerçada nos quase 40 anos de experiência do *Jornal Laboratório Campus*, publicado pela mesma faculdade, a revista *Campus Repórter* é jovem, tem apenas três anos no momento de apresentação deste artigo. Sua juventude abarca ao mesmo tempo um ponto forte – o potencial do que está por vir – e um ponto fraco – a carência de infraestrutura laboratorial (que deve ser resolvida em 2010 com a inauguração do novo laboratório de jornalismo) e de recursos próprios para produção da revista (a revista tem contato com o apoio financeiro do Decanato de Assuntos Comunitários da UnB e com recursos próprios da Faculdade de Comunicação e protocolou no Ministério da Cultura o pedido de inclusão nos benefícios da Lei Rouanet, para captar recursos que lhe garantam a sustentação).

Diálogo

Medina (2002) lembra que a entrevista como diálogo é resultado de uma busca permanente. Na produção da *Campus Repórter*, os estudantes têm sido constantemente instados a mergulhar em processo de elaboração da pauta que os prepare (em termos de

¹⁰ Resposta ao questionário aplicado para a turma de 01 2009.

¹¹ Idem



histórico e aspectos técnicos do tema a pauta) e os motive (em termos de uma abertura o mais ampla possível) para ouvir, de fato, os entrevistados. Não a entrevista de corredor, no fragor da hora de um deadline diário, mas a entrevista com preparação, com pausa, sem interromper o entrevistado. Permitir de fato ao entrevistado se manifestar e ao repórter pontuar com as perguntas que foram fruto de uma boa produção de pauta. É mais um horizonte que deve ser continuamente buscado, contudo o resultado destas 4 edições de *Campus Repórter* tem apontado na direção da entrevista como um diálogo, sim. Ao mesmo tempo, a estrutura de compartilhamento de resultados das entrevistas, o que se dá tanto pela lista eletrônica do laboratório, quanto pelas reuniões semanais durante as aulas, permite que os percursos da coleta de informações, por meio de entrevistas, visita de campo, levantamento de dados, seja aperfeiçoada ao longo do semestre.

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7ª edição. Campinas, SP. Autores Associados, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 12ª edição. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**, 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Lisboa: Minerva-Coimbra, 2001.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 1ª edição, 1987.

Artigos

JORGE, Thaís e MARQUES, Márcia. **A arte de Negociar a notícia**. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

Teses e Dissertações

- PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior. O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Brasília, 2008.
- Marques, Márcia. **As mudanças nas rotinas de produção das agências de notícias com a consolidação da internet no Brasil**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, 2005. (também em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-marcia-mudancas-nas-rotinas-de-producao.pdf>)

Na Internet

DEMO, Pedro. Desafio do projeto pedagógico. http://pedrodemo.blog.uol.com.br/arch2004-12-26_2005-01-01.html